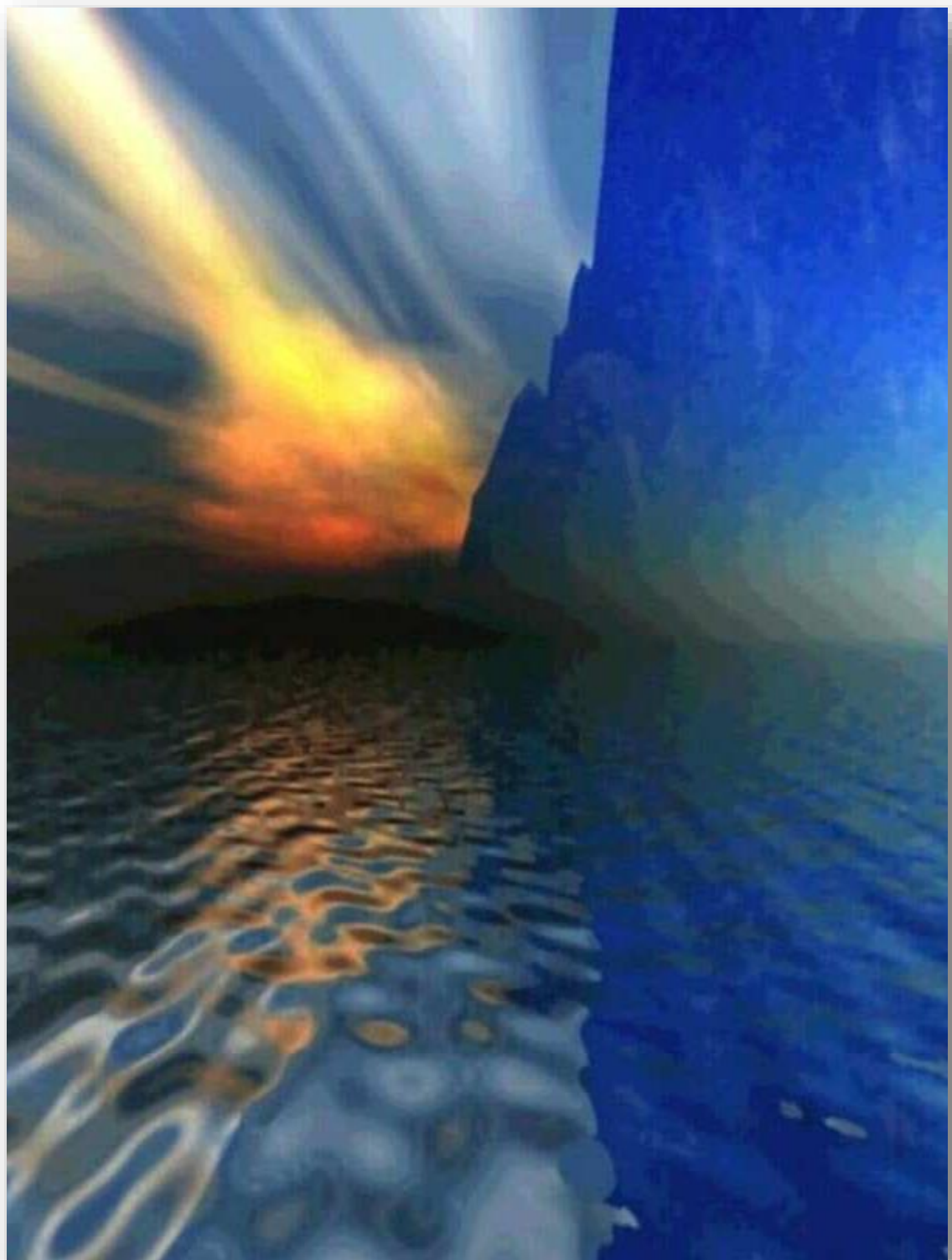


RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

HOMO-UNIVERSITAS
OU DA CIRCULAÇÃO DA LUZ

Temas de Universidade de Síntese
1995

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



GRANDE DESAFIO À INTELIGÊNCIA
COMO UNIR O PODER DO CONHECIMENTO
À VONTADE DE SIGNIFICADO?

NOVO IN - PULSO

Os relógios químicos da vida marcam uma hora diferente. Foi rompida a simetria da matéria. Porém, ainda não sabemos manejar a energia humana que foi liberada no planeta.

DES-CONCERTO existencial - perda da imagem do mundo.

Desmoronamento de valores sistemáticos.

Ocaso dos antigos deuses.

Alma desiludida.

MAS, ALGO NOVO NASCEU NO HOMEM.

NOVAS FUNÇÕES DA VIDA.

E A UNIVERSIDADE?

Qual é seu papel na civilização que vem?

Sobre quais bases edificar o novo templo do saber?

O que é o essencialmente válido para o desenvolvimento material e espiritual dos homens e mulheres que vêm?

O PBI, produto interno bruto?

Ou o IDH, índice de desenvolvimento humano?

Ou novas concepções ideais do mundo?

Ou novas moléculas da vida?

Outra Reforma Universitária?

Ou voltar ao Fundamento originário?

Universidade de fim de século

Galáxia de particularidades e fuga de sentido

A Universidade, que em sua origem havia sido concebida como centro intelectual de unificação do saber e do ser, essa *UNIVERSITAS* ficou hoje reduzida a uma “galáxia de particularidades”. Foi perdido o vínculo das partes com o Todo.

A crise da Universidade de fim de século não é uma crise de organização, mas de função. Qual é a função da Universidade na nova sociedade mundial? (Se é que ainda podemos utilizar o termo Universidade para nomear um espaço do saber que já ultrapassou o estreito marco dos antigos claustros). Qual é seu papel, sua missão, seu conteúdo, sua tarefa?

E continuam as perguntas, sem encontrar resposta:

Transmitir informação? Esta já foi engarrafada em cérebros eletrônicos e já circula pelas redes!

Formar técnicos profissionais? Para isso, basta um "Politécnico"!

Voltar à unidade do modelo originário? Perdemos a "chave" para montá-lo!

À medida que se aproxima o fim do século, a antiga cultura vai ficando arquivada em “arcas de sobrevivência”, em marcas eletromagnéticas, em códigos informáticos. "Catástrofe" do pensamento sistemático e advento de uma nova função, uma nova

mente, mais simples, mais luminosa, mais em contato com o cosmos, uma mente lisa como um espelho que reflete a sabedoria do Universo e a traduz em códigos da vida.

O grande desafio que temos pela frente é, antes de mais nada, reconhecer que esta nova função não deriva do conhecido, não pode ser posta em evidência através de mais conhecimento, mais informação, novas teorias ou novos paradigmas.

A nível da Universidade, a revolução ainda não começou.

A denúncia do velho sistema não basta.

A filosofia crítica é insuficiente.

A rebelião não arruma nada.

Porém, a pergunta sobre o fundamento fica em pé: como se ativa a nova função?

Por In-plosão de conhecimento e revelação de sentido!

Na vanguarda de insuspeitados acontecimentos ou do novo lugar do homem no mundo

O homem do século XXI reclama da Universidade, soluções imediatas para problemas que se tornaram candentes para a vida: desemprego, desequilíbrio ecológico, crise económico-financeira, aumento alarmante da corrupção e da violência, debilitamento do sistema imunológico, enfermidades sociais. A técnica avança a passos gigantescos, centenas de universidades e institutos de investigação trabalham em rede com os satélites teledetectores, olhos e ouvidos que observam a fratura dos gelos antárticos, o desmatamento da Amazônia, a dinâmica das correntes oceânicas, a velocidade e a direção dos ventos, medição de ozônio, mudança de clima, contaminação do planeta... Mas, toda esta maravilhosa cartografia da Terra oculta o que acontece por dentro do próprio homem: vazio existencial, perda de sentido,

desmoronamento de valores. Dupla face de um movimento unificado da luz, que não chegamos a compreender.

E voltamos a perguntar: Qual é o lugar, a função, a tarefa da Universidade na futura cidade do homem?

A vanguarda de 1918, com Julio V. González como líder da Reforma, havia rompido o dogma religioso que imperava nos antigos claustros. A revolta de 1968, com Cohn-Bendit e a “noite das barricadas” (13 de maio) questionou (sem chegar a rompê-lo) o dogma cientificista.

Passaram os anos, fracassaram as revoltas estudantis, fracassaram as revoluções políticas, fracassou a revolução tecnológica (enquanto “mensagem de salvação”: pão, trabalho e conhecimento para todos).

De qualquer forma, algo foi feito para que tudo continuasse igual. Porém, a vanguarda desapareceu!

E agora o quê?

A teoria da informação, as redes eletrônicas, os astronautas no espaço, a engenharia genética, todos estes instrumentos do saber nos mostram a face iluminada da Lua, mas não nos servem para penetrar nos buracos da solidão, do isolamento, da desesperança. E uma nova pergunta sai a nosso encontro: é possível pre-sentir o advento de uma era pós-tecnológica que nos permita circular livremente entre estes dois mundos? Dito de outra maneira: há algum sinal que nos permita advertir a presença de uma nova vanguarda no horizonte do por-vir?

HOMO-UNIVERSITAS

Da Teoria do Conhecimento à Geração do Saber

A chave para o por-vir não são as ideias, mas o "espaço" onde revelam as ideias.

Homo-Universitas não dá nome a nenhuma ciência em particular, nenhuma "faculdade" (das muitas que formam a galáxia universitária) - ainda que, no fundo, esteja se referindo a todas as ciências, todas as filosofias, todas as faculdades, todas as funções da vida.

Homo-Universitas não reduz sua significação ao modo de vida comunitária de "estudantes e mestres", cunhado pela escolástica com o termo "*Universitas*". Tampouco é um sinal anunciador que pretenda resgatar um "Humanismo universitário" que há tempo deixou de existir.

Em poucas palavras:

Homo-Universitas não é um conceito, uma organização, uma utopia, mas um movimento Gen-ético do saber, uma força de desintegração/integrativa que, com o material de demolição das antigas universidades e faculdades ("matéria secunda") tenta, uma e outra vez, criar a nova cidade do homem.

Já não estamos nos referindo aqui a um novo conhecimento, mas a um novo "gen".

Um novo gen?

Sim, para que a Terra volte a comunicar-se com o Céu, através do Homem.

Homo-Universitas, enquanto função, quer dizer "transformar em obra" aquilo que advém ao saber, como necessidade fundamental da vida. E vem a pergunta:

Com qual matéria?

Com nossa própria matéria. Dito de outra maneira, a tarefa gigantesca que temos pela frente é fazer com que a matéria humana fale a mesma língua fundamental, com a qual os artistas do Renascimento fizeram com que a pedra falasse.

Ponto Inicial ou da Reversibilidade de Valores

Para continuar avançando no caminho do saber, tarde ou cedo, em algum lugar da terra ou do céu, teremos que voltar ao seio da mãe. Isto foi o que Nicodemus não entendeu nem o entendem os modernos doutores da lei.

No outono caem as folhas, na primavera se abrem as flores. Porém, onde encontrar o ponto de transição das diferentes fases da vida?

"Ponto Inicial" é uma fronteira simbólica. Não dispomos de linguagem adequada para representar o que acontece nessa singularidade, nesse umbral de reversibilidade de valores. A metafísica, a fisioquímica, a filosofia da história, a cosmologia, se aproximam (com diferentes linguagens) dessa "zona de passagem", sem poder explicar o mistério: mas foi cunhado um novo termo técnico: "ruptura de simetria" (e os biólogos modernos dizem que sem ruptura de simetria não há evolução).

O que hoje chamamos de crise existencial ou dilema global é uma "enfermidade da civilização por ruptura de simetria do sistema".

É como dizer que o homem cósmico nasceu, mas que não temos uma ciência que o explique. A Universidade já não tem repostas para o homem.

A era tecnológica introduziu um poder que não podemos controlar. Os modelos sociais, econômicos, políticos que hoje são propostos pelas Universidades para resolver os problemas do homem, mais que dar uma solução, geram novos problemas. As vestes de confecção já não são adequadas para nosso corpo, porque o corpo se adiantou à veste. O dinheiro eletrônico se transformou em uma espécie de governo mundial

paralelo e os estados-nação já não controlam o destino de seus povos. A dívida pública e privada já não podem ser pagas, o problema é resolvido com mais dívidas. A revolução tecnológica acelera a criação de riqueza por um lado, e aumenta a taxa de desemprego por outro. A era dos antibióticos terminou com muitas doenças bacterianas, mas também contribuiu com o debilitamento do sistema imunológico e com a explosão de novas enfermidades sociais.

O circuito das “estratégias fatais” (Baudrillard) se fecha: desenvolvimento tecnológico por um lado, enfermidade de adaptação por outro.

Enfermidade de adaptação?

Sim, uma camisa de força imposta à realidade. Se não houver nada de essencial que possa equilibrá-lo, o sistema sociopolítico, técnico e econômico continuará funcionando, mas não para “curar-se” e sim para continuar adaptando-se à doença.

Enfermidade de adaptação. O ser humano fica preso em uma espécie de “limbo”, mundo intermediário. O paciente não está sadio nem doente.

UNIVERSIDADE DE SÍNTESE

Circulação da Luz em um Circuito de Espelhos Conjugados

A luz do saber circula por canais invisíveis e se reflete em espelhos conjugados. Na fisiologia humana acontece algo parecido: acaso a hipófise não se reflete no ovário e o ovário na hipófise?

Talvez seja esta a pergunta chave para uma Universidade de síntese.

Trata-se de develar as leis fundamentais de uma Gen-ética do saber, leis que permanecem ocultas por trás do véu da inteligência prática. Os satélites de comunicações, os observatórios em órbita, os radiotelescópios, as antenas parabólicas,

as redes informáticas, todas estas ferramentas técnicas só con-figuram "um espelho". O "outro espelho" está con-stituído por uma corrente de mensageiros invisíveis. Como no holograma técnico, como em genética molecular, a transmissão do conhecimento-vida se realiza por circulação da luz - em um circuito de espelhos conjugados.

Entramos em outro reino, acedemos a outra visão do mundo, a outra dimensão da vida. Aqui, como diria Prigogine, "cinco minutos de rotação terrestre não equivalem a cinco minutos de Beethoven".

Para aproximar-nos da ideia de Universidade de Síntese - enquanto "circuito de espelhos conjugados" - temos que voltar à função da vanguarda: enzima ativadora do potencial humano nas diferentes fases da Gen-ética social.

Hoje, a vanguarda se retirou, sua função gen-ética passa por outro caminho (*ad-inferus*), penetrando no seio da mater-matéria, até alcançar o ponto crítico de reversibilidade de valores e constituir-se no "outro espelho".

Quando falamos de Universidade de Síntese em termos de reversibilidade de valores, entendemos essa "síntese" como algo mais que uma síntese dialética, algo mais que uma inter-relação entre Universidade e Empresa, algo mais que a Universidade a serviço do povo. "Circulação da luz em um circuito de espelhos conjugados" não se refere a alguma nova instituição: é uma nova função, um novo instrumento.

Durante séculos, os sábios e os santos falaram linguagens diferentes. Fritjof Capra, em seu "Tao da Física", resume esta fratura da língua recorrendo a um antigo adágio chinês:

“Os místicos compreendem as raízes do Tao, mas não seus ramos. Os cientistas compreendem seus ramos, mas não suas raízes”.

No entanto, os cientistas e os místicos sabiam que existia uma circulação secreta da luz entre as raízes e os ramos (“*O Segredo da Flor de Ouro*”, Wilhelm-Jung). Mas,

sabiam disso por intuição intelectual ou revelação espiritual. O novo que se antecipa hoje na vanguarda da ciência, da técnica e da mística é um in-pulso gen-ético que transcreve e traduz os valores essenciais da alma, em bens da vida.

A descida dos Ideais e o Sal da Terra – Para Além da Filosofia da História

Da "lógica" do pensar, passamos à "geometria" da vida.

Sem a luz de uma estrela-guia (ocultamento do Ser), o universo humano se tornou ingovernável, os fenômenos sociais ficaram sem freio, as moléculas da vida perderam sua capacidade de reconhecer os predadores.

Hoje, o paradigma mundial imperante não é uma "guerra libertadora" nem um "pacto político entre as nações". As ideias-guia se ocultam por trás da vontade de poder, e as alianças entre os povos se tornaram frágeis: o "Mercado" domina tudo, a qualquer momento os cenários políticos e ideológicos podem inverter-se. O mundo não explodiu, mas assistimos aos paradoxos da civilização. Referindo-se à economia, Rudi Dornbusch tipifica esta situação nos seguintes termos: "Os japoneses, com um *yem* supervalorizado, inundam o mundo com seus productos. O resultado, perversamente, é um *yem* tão robusto que os impede de viver de acordo com sua fortaleza"¹

Os condutores políticos, os líderes religiosos, os economistas, os sindicatos (*"trade unions"*) já não podem governar este novo fenômeno humanotécnico de desmesura.

A nova vanguarda responde a este desafio, mas já não com base em doutrinas políticas, filosofias da história ou teologias da libertação, mas em função de uma Genética de transmissão. Para fechar o circuito dos espelhos conjugados, não basta a ideia

¹ **Rudi Dornbusch.** O Economista, "Porqué Japón se está haciendo el harakiri", Buenos Aires, 5 mayo 1995

espiritual, faz falta o Sal da terra. Sem este “sal”, os ideais permanecem suspensos sobre a face das águas e a “poesia não encarna na história”.

Palavras Finais para Iniciar uma Meditação Silenciosa Sobre a Geometria da Luz

504 dias - Crônica sub-terrânea

Em 1980, em "*Antropologia de Síntese*", eu anunciava o que para muitos era muito distante: "nasceu uma criança". Hoje, em 1995, encerro estas reflexões sobre "*Homo-Universitas*" com um anúncio de jornal que a poucos interessa muito de perto: "Morreu um aposentado".

504 dias. Seu nome está inscrito na longa lista dos "desaparecidos sociais". Estava começando, a seu modo, um protesto pelas precárias condições de vida que devem ser suportadas por milhões de seres humanos com uma aposentadoria mínima, ao cabo de mais de trinta anos de trabalho. Começou acorrentando-se a um poste de iluminação, na Plaza de Mayo (Buenos Aires), frente à Casa de Governo. Quando ficou muito debilitado, interveio a polícia e o levaram a um hospital. Quando se repôs, voltou a instalar-se, na intempérie, em um buraco, em frente ao Banco Hipotecário (porque carecia de moradia).

Passaram-se os dias, 504 dias. E morreu ali, como testemunho vivo da desesperança.

Quem são os prot-agonistas da nova História? "Nasceu uma criança": é preciso subir mais alto, para além da Terra. "Morreu um aposentado": é preciso descer mais baixo, abaixo do social.

Circulação da luz, em um circuito de espelhos conjugados.